

TÍTULO DO PROGRAMA

Graciliano Ramos: Literatura Sem Bijuterias

Série: **Mestres da Literatura**

SINOPSE DO PROGRAMA

Concreta e sem excessos, a obra de Graciliano Ramos certamente foi intensamente influenciada pela agitação vivida no país na primeira metade do século XX – período de afirmação cultural e modernidade artística, mas também de crises políticas. O mundo dos livros de Graciliano é regional, mas sua obra certamente é universal. As professoras convidadas propõem um trabalho interdisciplinar em que a obra *Vidas Secas* é lida e reescrita utilizando outros meios de expressão artística.

CONSULTORES

Irene Terron Gadel – **LÍNGUA PORTUGUESA**

Renata Stadter de Almeida – **HISTÓRIA**

Sandra Zita Silva Tiné – **GEOGRAFIA**

TÍTULO DO PROJETO

VIDAS SECAS EM SOM E IMAGEM



❖ **MATERIAL NECESSÁRIO PARA REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE:**

1. Livro: Vidas Secas. Autor: Graciliano Ramos. Recomendamos que os professores incentivem os alunos a procurarem edições antigas na casa de familiares, comprarem em sebos ou em www.estantevirtual.com.br, um site que reúne sebos de todo o país com o acervo catalogado e à disposição dos interessados.
2. Quadro negro e giz.
3. Retroprojetor e transparências (opcional para mostrar reproduções de artes plásticas, apresentar roteiro de observação do documentário, aula-síntese de História...).
4. Cópias para os alunos do trecho de um romance da mesma época, mas com estilo distinto de Graciliano Ramos. Ex.: Jorge Amado, Rachel de Queiroz. Sugestão em anexo para os professores.
5. Jornais e revistas atuais para pesquisa de artigos recentes sobre o Nordeste.
6. Acesso à Internet para pesquisa (recomendável).
7. Caderno ou folhas de fichário para anotações durante o trabalho.
8. Celular para gravação de entrevista e cabo para ligar a um computador.
9. Computador ou aparelho de DVD e TV para mostrar entrevistas e diferentes representações de artistas plásticos sobre o tema "Nordeste brasileiro". As reproduções estão disponíveis na ficha.
10. Manuais de História do Brasil e Geral utilizados no curso de Ensino Médio.
11. Papel branco ou reciclado, A4, para trabalho final, gramatura 120 ou mais.
12. Cartolinas e papel cartão branco, preto e colorido (opção para o item 11).
13. Lápis preto, de preferência 6B, para desenhar.
14. Lápis de cor.
15. Guache nas cores branca, preta, marrom, azul, amarelo e vermelho.
16. Pincéis de diferentes espessuras.
17. Cola.
18. Tesouras.
19. Revistas para recortar ilustrações para montagem e colagem.
20. Pedacos de papéis coloridos e com diferentes texturas para colagem.

❖ **PRINCIPAIS CONCEITOS QUE SERÃO TRABALHADOS EM CADA DISCIPLINA**

 **LÍNGUA PORTUGUESA**

1. Literatura: arte, produto cultural;
2. Estilo;
3. Carpintaria da produção literária;
4. Modernismo;
5. Segunda geração modernista brasileira;
6. Romance Regional e o Neorrealismo;
7. Expressionismo;
8. Narração, conto e romance;
9. Obra engajada;
10. Tipos de discurso, monólogo interior ou fluxo de consciência.

 **HISTÓRIA**

1. Literatura como documento;
2. Nordeste na História do Brasil;
3. Terra: sobrevivência, identidade e poder;
4. Sesmaria;
5. Lei de Terras de 1850;
6. Latifúndio;
7. Movimentos migratórios;
8. Coronelismo.

 **GEOGRAFIA**

1. Região Nordeste e suas subdivisões;
2. Clima, vegetação;
3. Êxodo Rural;
4. Aspectos socioeconômicos do sertão nordestino.



❖ DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

O trabalho inicia com as três disciplinas apresentando de maneira geral a proposta:

- Conhecer um pouco sobre vida e obra de Graciliano Ramos, a partir do documentário;
- Ler o romance **Vidas Secas**, e compreender seu contexto;
- Perceber o Nordeste como um problema que permanece ao longo da História do Brasil;
- Identificar e comparar diferentes visões e linguagens utilizadas para interpretar essa região.

Cada professor trabalhará as atividades abaixo em suas aulas paralelamente. É importante que durante o processo os professores mantenham contato e explicitem aos alunos que os conteúdos e conceitos desenvolvidos em cada disciplina alimentarão a produção do conhecimento. Os alunos devem estar atentos para as relações que podem e devem ser feitas entre as disciplinas, afinal, esta é a intenção e o sentido do trabalho interdisciplinar.

LÍNGUA PORTUGUESA

O trabalho se inicia pela exibição do documentário, precedido de uma seleção de questões dadas aos alunos para orientá-los na exploração do vídeo pelas diferentes disciplinas. Sugere-se que o documentário seja passado sem interrupções na primeira vez, para que não se perca a continuidade.

O documentário será passado novamente e o professor poderá parar a projeção em momentos oportunos, para que os alunos possam anotar as informações que precisarão.

Sugerimos as questões abaixo, o professor poderá adaptá-las de acordo com seus alunos e seu planejamento.

Questões:



- 1- Quais aspectos da biografia de Graciliano Ramos chamaram sua atenção? Quais deles você acha que são relevantes para a obra literária do autor?
- 2- Em que espaço (geográfico, social, econômico) viveu Graciliano Ramos? O que você conhece a respeito desse espaço?
- 3- Em que época o documentário situa Graciliano? O que você já sabe sobre essa época?
- 4- Algumas pessoas que aparecem no documentário (Milton Hatoum, Zenir Campos Reis, Carlos Minchillo...) aprofundam-se nos comentários sobre o romance mais importante de Graciliano, **Vidas Secas**. O que falam sobre esse romance?
- 5- O documentário também traz cenas da cidade de Quebrangulo, onde Graciliano nasceu, como fundo para os comentários de D. Fernando Lório. Descreva o cenário mostrado.
- 6- Há, também, cenas de filmes feitos a partir de romances de Graciliano - **Vidas Secas** e **São Bernardo**. O que chama a atenção nessas cenas?
- 7- O documentário começa com uma pessoa lendo passagens de outra obra de Graciliano, uma obra memorialista, **Infância**. No documentário há ainda a leitura de textos de Graciliano feita por um ator já consagrado, Othon Bastos. Que comentários você poderia fazer sobre essas leituras?

O Professor de Língua Portuguesa vai aproveitar as respostas dadas a este questionário para iniciar a exploração em sua disciplina. Primeiramente, pedirá para que os alunos leiam **Vidas Secas**. Enquanto os alunos leem o livro, mostrará no texto do romance as características dessa obra, analisando-a aos poucos. O uso do romance em sala de aula precisa ser cuidadoso e bem planejado quanto ao tempo de análise, para que o professor não se adiante e destrua o interesse pela continuidade da leitura. O professor poderá estabelecer etapas de leitura, pois a estrutura de **Vidas Secas** propicia essa estratégia. Desta forma, torna-se mais fácil a análise feita aos poucos.

Contexto literário de **Vidas Secas**

A primeira abordagem do livro, sugerida pelo documentário, seria enquadrar o romance na época literária a que pertence, a segunda época ou geração modernista, que localizamos entre 1930 e 1945. Aqui o professor poderá destacar o espaço de tempo das transformações literárias/artísticas, comparando com a permanência de estilos literários anteriores - muito mais duradouros - e discutir brevemente a aceleração das mudanças sociais que as inspiram. As referências históricas estarão certamente sendo dadas pelo professor de História.



Lembrar que as grandes ousadias e inovações formais da primeira fase modernista, a heróica, que lutava por uma renovação da arte brasileira, perdem sua importância, porque já estavam bastante assimiladas pelos artistas, que têm sua atenção voltada agora para os desafios da vida política, econômica, social. De certa forma, a inovação “*como escrever*” fica em segundo plano: é mais importante “*sobre o que escrever*”. Precisa-se salientar, porém, que algumas pedras-de-toque da primeira geração são mantidas: o apego à cultura brasileira, a visão crítica, a incorporação do registro coloquial.

A prosa regionalista

A poesia, grande forma de expressão na primeira geração, é sobrepujada pela prosa, pela narrativa regionalista, focada no povo e nos problemas específicos das diversas regiões brasileiras. Mesmo em número, os escritores nordestinos ganham destaque: José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado. Por sua temática, são distribuídos em ciclos: do açúcar (José Américo de Almeida, José Lins do Rego) da seca (Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos), do cacau (Jorge Amado).

Ainda que muito diferentes das obras do sulista Érico Veríssimo, cujos romances vão ambientar-se na formação do Rio Grande do Sul (a trilogia **O tempo e o vento**) ou na população urbana de Porto Alegre (**Olhai os lírios do campo**), todos os autores focam o problema humano, social, trazido pelas condições geográficas das regiões, pela política governamental equivocada, ou mesmo mal intencionada, pela estrutura social de desigualdade e exploração, pela economia capitalista. É a literatura tentando dar voz ao ser humano humilhado, diminuído, transformado em besta de carga, animal de trabalho, ou numa engrenagem desgastável e, portanto, substituível e descartável da imensa máquina/massa produtora.

Denunciando problemas sociais e humanos em suas obras, os autores comprometem-se com a defesa de ideais. São batalhadores usando a palavra como arma, engajam-se numa luta por melhores condições de vida, pelos menos favorecidos. É a literatura a serviço de uma causa, é a literatura engajada.

Na segunda geração modernista, tanto na poesia como na prosa, formas já firmadas de literatura são retomadas e renovadas. Na poesia há, por exemplo, a volta do soneto (com Vinícius de Moraes). A prosa, pela temática social e intenção de denúncia, retoma o romance



realista/naturalista do século XIX. Por essa razão, os romances dessa fase são chamados de neorrealistas.

Graciliano é exemplo da atitude de retomada/renovação, particularmente em dois de seus romances: **Vidas Secas** e **São Bernardo**. Em **Vidas Secas**, foca o drama atroz – por sua intensidade e caráter cíclico - dos empregados das fazendas na região da seca, pessoas que vivem em terras alheias, que têm vidas sofríveis se há chuva e, portanto, trabalho. Mas passam a lutar pela sobrevivência se há seca, época em que são obrigados a tornarem-se migrantes, retirantes. Em **São Bernardo** foca um drama mais universal: o homem pobre, que luta com suas circunstâncias através do trabalho árduo. Vai desde empregado, até chegar a "coronel" nordestino; consegue riqueza, posses, certa posição social, mas, endurecido em sua luta, perde outros valores e vê tudo e todos como coisas a serem possuídas, incluindo aí a pessoa que ama.

Analisando Vidas Secas

Contextualizando o romance em sua época, o professor irá explorá-lo. Aproveitando as observações feitas pelas pessoas que o abordam no documentário, observações que os alunos certamente anotaram, o professor começará a mostrar alguns pontos importantes da estrutura do romance, seu enredo, personagens, e estilo de Graciliano.

Possivelmente algumas das ilustrações sugeridas e incluídas no trabalho já estarão expostas para os alunos, ou, se não foi possível reproduzi-las, terão sido mostradas pelos professores envolvidos neste trabalho interdisciplinar. Focando os quadros de Portinari, o professor trará uma das vanguardas modernas em pintura, o Expressionismo. É importante lembrar que essa corrente artística tentava passar uma grande carga emocional. Para expressá-la - daí seu nome - exagera expressões das figuras retratadas, exagera e/ou modifica cores, dá ênfase a pormenores da paisagem ou anatômicos. Pinturas como "O Grito", de Edward Munch, "O Japonês" ou "A Boba" de Anita Malfatti, "O Abaporu", de Tarsila do Amaral, são frequentemente reproduzidas em livros didáticos, portanto é muito possível que os alunos já tenham travado conhecimento com elas. O professor poderá mostrar como Portinari traz os traços do Expressionismo para as telas de "Retirantes", "Menina Morta" e outros que têm a mesma temática – essas telas de Portinari poderiam servir não de ilustração, mas de ampliação de cenas de **Vidas Secas**.



Em Literatura, a emoção das obras realistas/naturalistas é trazida por cenas impactantes, de descrição de atos que poderiam ser comuns aos homens e aos animais (zoomorfismo), todos os seres biológicos submetidos às mesmas características de seu reino na natureza. Também pode vir da crueza e segura da paisagem que circunda e forma as personagens de **Vidas Secas**. O professor mostrará como esses traços são coincidentes entre o Naturalismo e o Expressionismo, ressaltando passagens do romance em que se pode falar em Expressionismo.

Passagens Expressionistas

Pode-se começar, por exemplo, lembrando o soldado amarelo, personagem autoritária e arbitrária, que não ganha nome próprio na obra. Salientando a cor, cuja origem não sabemos (seria doente, seria loiro, estaria iluminado pelo sol forte?), ela nos remete, por exemplo, ao citado quadro “A Boba”, em que metade do rosto da figura é pintada em amarelo. Dado um exemplo, o professor poderá pedir para que os alunos identifiquem outras passagens com a mesma característica.

Outros trechos que trazem a sugestão expressionista:

- *“A catinga estendia-se, de um vermelho indeciso salpicado de manchas brancas que eram ossadas. O voo negro dos urubus fazia círculos altos em redor dos bichos moribundos” (p.10)*
- *“(…) pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos.” (p.11)*
- *“...a cachorra Baleia tomou a frente do grupo. Arqueada, as costelas à mostra, corria ofegando, a língua fora da boca.” (p.11)*
- *“As alpercatas dele estavam gasta nos saltos, e a embira tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas. Os calcanhares, duros como cascos, gretavam-se e sangravam.” (p.12)*
- *“...conservaram-se encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeito, vencida pelo azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia...” E logo depois: “A tampa anilada baixava, escurecia, quebrada apenas pelas vermelhidões do poente.” (p.13)*



- *“Sinhá Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo” (p. 15)*
- *“O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco” (p. 19)*

Como esses, há outros muitos trechos no livro. O professor poderá observar que o número desses traços expressionistas no primeiro capítulo tem um objetivo: apresentar de forma viva a situação extrema dos retirantes, situação que vai se repetir no último capítulo e que deve ficar bem presente para marcar a repetição de um problema que não se resolve.

Passagens em que o zoomorfismo está presente

Pode-se notar que o zoomorfismo naturalista aparece claramente nesse último trecho citado, como em um anterior, no qual se comparam os pés de Fabiano a cascos. São exemplos de zoomorfismo alguns outros trechos:

- *“Ele, a mulher e os filhos tinham-se habituado à camarinha escura, pareciam ratos” (p. 18)*
- *“Estava escondido no mato como tatu. Duro lerdo, como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria de cabeça levantada, seria homem” (p. 25)*
- *“Calçada naquilo (os sapatos de verniz), trôpega, mexia-se como um papagaio, era ridícula.” (p. 41) E depois: “Olhou de novo os pés espalmados... Pés de papagaio” (p. 43)*

É importante lembrar que essa aproximação com os animais em **Vidas Secas** vai além da intenção naturalista, influenciada pela Biologia. Aqui tem um caráter de denúncia, de cunho tanto sociológico como psicológico. O meio ambiente, a exploração dos padrões, o desamparo em que seres humanos são deixados, a falta de instrução, reduzem o ser humano a essa condição. Gerações submetidas às mesmas circunstâncias desumanas criam seres imbuídos de que essa é sua sina inapelável, de que não têm direitos; para eles, autoridades arbitrárias não podem ser questionadas. Conformam-se. Calam-se.

Há ainda a antropomorfização, em um processo inverso à zoomorfização, processo importante no contexto do romance. É a cachorra Baleia, parte/membro da família de Fabiano. O autor



acompanha as ações humanizadas de Baleia e vai além: retrata também seus sentimentos, suas ideias, seus sonhos.

- *“(Fabiano) deu um pontapé na cachorra, que se afastou humilhada e com sentimentos revolucionários.” (p.40)*
- *“A cachorra Baleia (...) depois de alguns minutos voltou desanimada, triste, o rabo murcho.” (p.21)*
- *“Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. As crianças se espoariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme, o mundo ficaria todo cheio de preás, gordos enormes.” (p.91)*

Conversando sobre a palavra

Graciliano vai enfatizar a condição sub-humana de Fabiano e sua família, mostrando como seu horizonte fica estreito pela falta da instrução mais rudimentar, aquela que ensina a usar palavras para exprimir pensamentos. Fabiano e sua família só têm o vocabulário das coisas e das ações da vida prática. Emoções, ideias, questões são sentidas, aparecem, mas não são transmitidas, porque não podem ser expressas. Para o professor de Língua Portuguesa esse foco pode ser rico para discussões em sala. São tópicos de abordagem desse tema, por exemplo:

- Quando aprendemos a falar, podemos nos comunicar. Ganhamos um dos traços que nos distinguem dos outros animais. Por que a palavra é tão diferente de outras formas de comunicação, como a postura corporal ou as expressões faciais?
- Pensamos com palavras, limitar o número de palavras é limitar o pensamento. Palavras plurivalentes, como o adjetivo **legal**, escondem nuances de ideias, o que eventualmente empobrece a expressão. Legal pode ser **bom**, que não é a mesma coisa que **ótimo**, que não é a mesma coisa que **satisfatório**, que não é a mesma coisa que **criativo ou original**, que não é a mesma coisa que **genial**, que não é a mesma coisa...
- Palavras carregam conceitos, mas carregam também uma carga significativa que lhes é dada por seu uso. Um exemplo sempre lembrado é a diferença que causa o uso de **mediocre** no lugar de



mediano. O mesmo ocorre com todos os diminutivos ou aumentativos que ganharam carga pejorativa (como jornaleco).

- Por outro lado, a palavra é complementada pelo tom em que é dita, pela expressão facial que a acompanha, pela circunstância de comunicação em que aparece: um **bobão**, dito a um amigo numa brincadeira, não é o mesmo gritado a um desafeto numa briga.

Um exercício que os alunos gostam de fazer: a dramatização em pequenos quadros, exemplificando os itens acima.

São muitos os exemplos em que Graciliano, através de suas personagens em diálogos, e também em monólogos interiores, ou fluxos de consciência, mostra a limitação que lhes é imposta pela falta da palavra. Para citar alguns:

- *“Sinhá Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto” (p.10)*
- *(o papagaio) “Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre (a retirada) viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas” (p.10)*
- *“Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos (os animais, o cavalo em especial) - exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis, talvez perigosas.” (p.20)*

Ainda na mesma página:

- *“Uma das crianças aproximou-se, perguntou-lhe qualquer coisa. Fabiano parou, franziu a testa, esperou de boca aberta a repetição da pergunta. Não percebendo o que o filho desejava, repreendeu-o. O menino estava ficando muito curioso, muito enxerido. Se continuasse assim, metido com o que não era da conta dele, como iria acabar? Repeliu-o vexado”*
- *“Esses capetas têm ideias...”*



- *“Não completou o pensamento, mas achou que aquilo era errado.”*

Outro trecho:

- *“Por que seria que seu Inácio botava água em tudo? perguntou mentalmente. Animou-se e interrogou o bodegueiro:
- Por que vossemecê bota água em tudo?
Seu Inácio fingiu não ouvir. E Fabiano foi sentar-se na calçada, resolvido a conversar. O vocabulário dele era pequeno, mas em horas de comunicabilidade enriquecia-se com algumas expressões de seu Tomás da bolandeira (...)
Nesse ponto um soldado amarelo aproximou-se e bateu familiarmente no ombro de Fabiano;
- Como é, camarada? Vamos jogar um trinta e um lá dentro?
Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira:
- Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer. Enfim. Contanto, etc. É conforme.” (p.28)*

Na página 35, Fabiano está preso injustamente, apanha dos policiais, adormece. Acorda ao ouvir o falatório de um bêbado:

- *“Ouviu o falatório desconexo do bêbedo, caiu numa indecisão dolorosa... Ele também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era?” (...)*

Se não fosse aquilo... Nem sabia. O fio da ideia cresceu, engrossou – e partiu-se. Difícil pensar.”

Na página 51, o menino mais novo está querendo imitar o pai e vai tentar montar um bode como Fabiano monta seu cavalo. Entretidos em suas tarefas, seus pais não lhe dão atenção. Tampouco o irmão o percebe:

- *“(...) boiaria no ar, como um periquito”*
- *Pôs-se a berrar. Imitando as cabras, chamando o irmão e a cachorra.”*



No capítulo “O Menino Mais Velho”, este ouve sinhá Terta falar em inferno:

- *“Ele nunca tinha ouvido falar em inferno. Estranhando a linguagem, pediu informações. Sinhá Vitória, distraída, aludiu vagamente a certo lugar ruim demais, e como o filho exigisse uma descrição, encolheu os ombros. (...)”*

Aí sinhá Vitória se zangou, achou-o insolente e aplicou-lhe um cocorote.

O menino saiu indignado com a injustiça (...) O pequeno sentou-se, acomodou as pernas e a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história. Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e gestos, e Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender. (...) Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento o som dos galhos que rangiam na catinga.”

Estrutura do texto

Retomando as ideias do documentário. É hora de se ater à própria estrutura do texto.

1- Diz-se que **Vidas Secas** é um romance circular porque o primeiro capítulo, “A mudança”, é repetido no último, “Fuga”: os dois mostram a família de Fabiano tangida de seu lar pela seca, que os obriga a procurar água e alimento em outro lugar. É como se não tivessem “andado” na vida, apesar do muito trabalho que tiveram. Ou melhor, como se andassem em círculo, chegando ao mesmo estado em que começaram a jornada.

É ainda circular porque em vários momentos Fabiano pensa que sua vida repete a vida que seu pai, avô e filhos teriam em seus trabalhos, em exploração, em ignorância, em falta de perspectiva; é como se tudo viesse atavicamente, como certos gestos incorporados pela imitação.

- *“(...) agitava os braços para a direita e para a esquerda. Esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com as mãos. E os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário”*



2- Vidas Secas integra vegetação, animais, seres humanos na mesma secura. Todos sofrem, todos são maltratados. A seca maltrata a vegetação, que maltrata os animais e seres humanos, não os alimentando. Os seres humanos maltratam os animais, eventualmente matando-os pela necessidade – como o preá caçado por Baleia, como o papagaio, sacrificado para matar a fome. Mesmo em época de fartura, animais e seres humanos são maltratados. Fabiano é maltratado por todo tipo de autoridade: pelo soldado amarelo e os outros policiais, pelo fiscal que o autua e rouba, pelo patrão que o engana nas contas. Da mesma forma, Fabiano e sinhá Vitória maltratam os filhos e os animais, e os meninos maltratam Baleia. A delicadeza, as demonstrações de afeto, o comportamento civilizado perdem-se na secura da convivência que reproduz a secura do meio ambiente.

Logo no início da narrativa:

- *“O menino mais velho pôs-se a chorar e sentou-se no chão.*
- *Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai. Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta (...) Fabiano ainda lhe deu algumas pancadas”*

Outro trecho:

- *“Sinhá Vitória andara para cima e para baixo, procurando e que desabafar (...) E agora vingava-se em Baleia, dando-lhe um pontapé.” (p.40)*
- *“(…) foi puxar a manga do vestido da mãe, desejando comunicar-se com ela. Sinhá Vitória soltou uma exclamação de aborrecimento, e, como o pirralho insistisse, deu-lhe um cascudo” (p.48)*

3- As vidas são secas também pela falta de perspectiva que as amenize. A mudança de um lugar para outro não significa melhora. No fim do romance, Fabiano decide que a saída seria mudar-se para a cidade grande, onde os garotos pudessem estudar e ter uma vida melhor, diferente da que conheciam. O próprio romance, porém, deixa entrever que essa saída não fará a esperança tornar-se realidade. Nas ocasiões em que a Fabiano e a família vão à cidade, não se saem bem. Fabiano é enganado por comerciantes, sente-se deslocado, vai preso, bebe, perde “o juízo” e dinheiro. Da mesma forma, Sinhá Vitória e os garotos sentem-se diminuídos e perdidos fora de seu “chão”, não se encontram nas roupas da cidade, roupas que os apertam, machucam, os

deixam ridículos, uma metáfora pela qual podemos entender como viveriam num lugar desconhecido, inteiramente diverso de tudo a que estavam habituados.

4- **Vidas Secas** é um romance fracionado, no sentido de que há uma independência relativa entre seus capítulos. Ainda que formem um enredo único e coeso, cada parte pode ser lida separadamente, sendo completamente inteligível. Há aqui um recurso do autor que resume em poucas linhas uma situação, esclarecendo o leitor e lhe dando a sequência dos fatos. Por exemplo, no capítulo “Fabiano”, a família já está acomodada numa fazenda, a seca passou. O autor conta pelo monólogo interior de Fabiano:

- *“(...) chegara naquela situação medonha – e ali estava forte, até gordo (...). Apossara-se da casa porque não tinha onde cair morto, passara uns dias mastigando raiz de imbu e sementes de mucunã. Viera a trovoada. E, com ela o fazendeiro, que o expulsara. Fabiano fizera-se de desentendido e oferecera seus préstimos, resmungando, coçando os cotovelos, sorrindo aflito. O jeito que tinha era ficar. E o patrão aceitara-o, entregara-lhe as marcas de ferro.”*

5- Falar em foco narrativo no romance **Vidas Secas** é trazer uma de suas características mais marcantes. Há certamente um narrador onisciente. É sua voz que ouvimos abrindo a narrativa:

- *“Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos” (p. 9)*

É o narrador que conta, sempre brevemente, os fatos, todos corriqueiros, simples, da vida dessas pessoas. É ele ainda quem descreve algumas cenas significativas para o leitor entender a pobreza, a aridez da paisagem e das relações e da psicologia das personagens:

- *“O animal estava selado, os estribos amarrados na garupa e Sinhá Vitória subjugava-o agarrando-lhe os beiços. O vaqueiro apertou a cilha e pôs-se a andar em redor, fiscalizando os arranjos, lento. Sem se apressar, livrou-se de um coice; virou o corpo, os cascos da égua passaram-lhe rente ao peito, raspando o gibão. Em seguida Fabiano subiu ao copiar, saltou na sela, a mulher recuou – e foi um redemoinho na catinga” (p.48)*

(Esse exemplo é também muito bom para se entender o estilo seco, conciso de Graciliano Ramos, do qual falaremos mais adiante. Descrevendo Fabiano domando uma égua, as ações se sucedem



com clareza, sendo narradas com termos essenciais: substantivos e verbos. Há no trecho apenas um adjetivo - lento.)

O narrador esconde-se frequentemente. É comum ouvir-se as personagens. Como falam muito pouco, há pouquíssimos diálogos diretos e outros poucos indiretos ou indiretos livres. O que se tem são monólogos interiores, fluxos de consciência, traduzindo o pensar, cuja expressão é tão difícil para as rudes personagens.

Um dos poucos diálogos – em que se misturam o direto e o indireto - acontece no capítulo “Cadeia”; além daquele já citado, entre o soldado Fabiano e o soldado amarelo:

- “- Vossemecê não tem o direito de provocar os que estão tão quietos.
- Desafasta, bradou o policial.
E insultou Fabiano, porque ele tinha deixado a bodega sem se despedir.
- Lorota, gaguejou o matuto. Eu tenho culpa de vossemecê esbagaçar os seus possuídos no jogo?” (p.30/31)

O diálogo indireto livre aparece em:

- “(...) Fabiano, que não esperava semelhante desatino, apenas grunhira: - Hum! Hum! e amunhecara, **porque mulher realmente é bicho difícil de entender.** (p. 40)

Exemplo de discurso indireto também aparece no trecho:

- “Tinham discutido, procurado cortar outras despesas. Como não se entendessem, Sinhá Vitória aludira, bastante azeda ao dinheiro gasto pelo marido na feira, com jogo e cachaça. Ressentido, Fabiano condenara os sapatos de verniz que ela usava nas festas, caros e inúteis.” (p. 41)

Já os exemplos dos monólogos interiores ou fluxo de consciência são abundantes em toda a obra. São pensamentos das pessoas e da Baleia, que sente e pensa como gente. Alguns exemplos:

1- Fabiano:



“Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante, um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era um hóspede. Sim senhor, hóspede que se demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha obrigado uma noite.”

Nesse trecho percebe-se o narrador “escondido”: embora as ideias sejam de Fabiano, o vocabulário e a coesão são certamente do narrador, já que a rudeza de Fabiano não lhe permitiria um pensamento tão articulado. A mesma coisa acontece com as outras personagens.

2- Os dois meninos:

“Os dois meninos espiavam os lampiões e adivinhavam casos extraordinários. Não sentiam curiosidade, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada. Aquilo, porém, era esquisito. Como podia haver tantas casas e tanta gente? Com certeza os homens iriam brigar. Seria que o povo ali era brabo e não consentia que eles andassem entre as barracas? Estavam acostumados a aguentar cascudos e puxões de orelha. Talvez as criaturas desconhecidas não se comportassem como sinhá Vitória. Mas os pequenos retraíam-se (...)” (p.74)

3- Sinhá Vitória:

“(...) Realmente a vida não era má. Pensou com arrepio na seca, na viagem medonha que fizera por caminhos abrasados, vendo ossos e garranchos, afastou a lembrança ruim, atentou naquelas belezas o burburinho da multidão era doce, o realejo fanhoso dos cavaleiros não descansava. Para a vida ser boa, só faltava à sinhá Vitória uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Suspirou, pensando na cama de varas em que dormia.” (p.81)

4- Baleia:

- *“(Fabiano) Deu um pontapé na cachorra, que se afastou humilhada e com sentimentos revolucionários” (p.40)*
- *“Baleia assustou-se. Que faziam aqueles animais soltos na noite? A obrigação dela era levantar-se, conduzi-los ao bebedouro. Franziu as ventas, procurando distinguir os meninos. Estranhou a ausência deles.”*



- *“Não se lembrava de Fabiano. Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração. Precisava vigiar as cabras; àquela hora cheiros de suçarana deviam andar pelas ribanceiras, rondar as moitas afastadas. Felizmente os meninos dormiam na esteira, por baixo do caritó onde sinhá Vitória guardava o cachimbo”*
- (...) *“Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás” (p.91)*

A partir dos trechos acima e das considerações já feitas, podemos repetir – alguém já o disse - que **Vidas Secas** é um romance polifônico: além do narrador, muitas vozes falam.

6 - Leitores e críticos já apontaram a “magreza” do estilo de Graciliano Ramos. Isso significa que o autor burilou seu texto, tirando passagens inúteis, repetições, palavras desnecessárias, usando com extrema parcimônia adjetivos e advérbios. Prefere orações simples, justapostas, eliminando conectivos. O texto é enxuto, necessário e suficiente. Como ilustra o parágrafo já citado anteriormente.

Comparando obras

Para a comparação, transcrevem-se dois trechos de **Vidas Secas** e dois de Rachel de Queiroz, de sua obra **O Quinze**. Os dois livros tematizam os retirantes. Rachel vai um pouco além da narração da retirada, porque acompanha suas personagens já chegadas à cidade, agora empregadas nas frentes de trabalho, instituídas pelo governo como forma de amenizar a tragédia humana trazida pela seca.

Os dois trechos abaixo descrevem situações semelhantes. Durante a retirada, as personagens olham suas mulheres e as imaginam em outras épocas. É óbvia a “economia” de Graciliano.

Em **O Quinze**:

“Chico Bento olhou dolorosamente a mulher. O cabelo, em falripas sujas, como que gasto, acabado, caía, por cima do rosto, envesgando os olhos, roçando na boca.



A pele, empretecida como uma casca, pregueava nos braços e nos peitos, que o casaco e a camisa descobriam. A saia roída se apertava na cintura em dobras sórdidas; e se enrolava nos ossos das pernas, como um pano posto a enxugar se enrola nas estacas da cerca. Num súbito contraste, a memória do vaqueiro confusamente começou a recordar a Cordulina do tempo do casamento. Viu-a de branco, gorda e alegre, com um ramo de cravos no cabelo oleado e argolas de ouro nas orelhas” (p. 46)

Em **Vidas Secas**:

“Sinhá Vitória vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de sinhá Vitória remoçaria, as nádegas bambas de sinhá Vitória engrossariam, a roupa encarnada de sinhá Vitória provocaria a inveja das outras caboclas.” (p. 16)

Assim expressam a paisagem da seca:

Em **O Quinze**:

“Vicente sentia por toda a parte uma impressão ressequida de calor e aspereza. Verde, na monotonia cinzenta da paisagem, só algum juazeiro, ainda escapo à devastação da rama; mas em geral as pobres árvores apareciam lamentáveis, mostrando os cotos dos galhos como membros amputados e a casca toda raspada em grandes zonas brancas. E o chão, que em outro tempo a sombra cobria, era uma confusão desolada de galhos secos, cuja agressividade ainda mais se acentuava pelos espinhos” (p. 8)

Em **Vidas Secas**, os juazeiros também aparecem, não num só período, mas em três momentos do primeiro capítulo, assim:

(...) “A folhagem dos juazeiros apareceu ao longe através dos galhos pelados na catinga rala.” (...) “As manchas dos juazeiros tornaram a parecer. (...) Chegaram aos juazeiros. Fazia tempo que não viam sombra.” (p.9 e 12).



É fácil comparar as duas descrições, que deixam clara a depuração que Graciliano fez na descrição da paisagem, conseguindo, pela repetição, ressaltar a importância dos juazeiros, árvores resistentes à seca, por isso importantes. Cita-os, no mesmo trecho do livro, em três frases simples e separadas.

Deve-se ressaltar que o estilo de Graciliano não é obtido numa primeira redação do texto. Como é dito no vídeo, a reescrita é importante para eliminar excessos, aprimorar o texto, tanto quando se quer deixá-lo o mais enxuto possível, como para produzir no leitor o efeito que se quer provocar. A escolha de palavras, a sua ordem numa oração, o conectivo escolhido, a ausência ou a repetição de conjunções, a forma de diálogos, a sequência de ideias, tudo é resultado de trabalho sobre o texto. A inspiração, o talento natural para a expressão escrita, não bastam a um bom autor.

Avaliação

O professor de Língua Portuguesa, além da avaliação do trabalho interdisciplinar, tem oportunidade de fazer avaliações pontuais em sua disciplina. Por exemplo: pode pedir para que os alunos pesquisem a época literária conhecida como segunda geração modernista, especificando suas características. Pode pedir que pesquisem sobre os prosadores e sobre os poetas dessa época; pode ainda distribuir poemas e trechos de livros particularmente significativos e, através de questões orientadoras de uma análise, solicitar que grupos apresentem essa análise para os colegas.

Trabalhos sobre ou a partir de **Vidas Secas** também são possíveis. Por exemplo:

- 1- Explicada uma característica da obra de Graciliano, os alunos devem procurar trechos que a ilustrem.
- 2- Os alunos podem criar pequenos contos ou crônicas nos quais apareça uma das personagens do livro. A criação é livre, mas deve respeitar os traços de caráter que foram dados à personagem escolhida.

O professor estabelece parâmetros claros para os trabalhos e para sua avaliação. As avaliações devem compor uma avaliação maior, na qual pesará o trabalho interdisciplinar.



HISTÓRIA

1) História e Literatura

Atualmente, os pesquisadores da História têm lançado mão de muitos outros campos do saber e de inumeráveis tipos de fontes para reconstruir e discutir o passado.

A Literatura tem sido objeto de análise dos historiadores, com ajuda de muitas ferramentas, como a crítica literária, a Psicologia e a Psicanálise, para citar algumas. Como exemplo, podemos citar Sidney Chalhoub, com *"Machado de Assis, historiador"*, publicado em 2003. Nicolau Sevcenko com *"Literatura como Missão"* – de 1983 - onde analisa Euclides da Cunha e Lima Barreto para traçar os projetos de país que se vislumbrava através das obras desses dois escritores. Ou Marshall Berman em seu *"Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade"* - publicado em 1982 nos Estados Unidos e em 1986 no Brasil – que entre outros objetos, analisa a tragédia de *"Fausto"*, de Goethe, para revelar as contradições do processo de modernização que se instaurava a partir da segunda metade do século XVIII, através das personagens Mefisto e Fausto.

O texto abaixo, escrito pelo crítico literário John Gledson, ilustra a contracapa do livro de Sidney Shaloub. Vale a pena lê-lo para refletir sobre as relações entre História e Literatura, e sobre como propor aos alunos um trabalho com Graciliano Ramos.

"Machado de Assis, historiador percorre um caminho duplo, de pesquisa e interpretação, para apreender o sentido das mudanças históricas no Brasil da segunda metade do século XIX. Sidney Chalhoub analisa os primeiros romances machadianos com atenção detida no funcionamento das relações sociais brasileiras, pautadas pelo favor e pelo arbítrio. O percurso culmina nas Memórias Póstumas de Brás Cubas, inflexão de Machado rumo à exposição irônica da elite nacional.

O autor empreende também uma minuciosa pesquisa sobre as atividades de Machado de Assis no Ministério da Agricultura durante as décadas de 1870 e 1880. Chalhoub revê o debate sobre a aprovação da



Lei do Ventre Livre (1871) e mostra o empenho do Machado funcionário público por sua aplicação.

Aproximando as vocações de historiador e crítico literário, Chalhoub elabora uma síntese surpreendente ao mostrar os cenários e personagens machadianos — senhores, escravos, agregados e complexas personagens femininas — não apenas como um retrato ficcional do Brasil, mas também como componentes de um grande painel social, histórico e crítico do país.”

Na introdução do trabalho, converse com os alunos sobre como se pode utilizar a Literatura como documento para a História, questione se já perceberam isso em alguma leitura de ficção que tenham feito.

2) O romance como documento histórico

Professor (a), é provável que você já tenha trabalhado com os alunos a utilização de diferentes fontes como documentos históricos. Como a reconstrução do passado só se faz a partir dos diferentes documentos que chegam às nossas mãos, é muito importante que os alunos aprendam a identificar e analisar os mais diferentes tipos de fontes.

A ficha abaixo pode ser utilizada com os alunos como roteiro básico de levantamento de informações a partir de qualquer documento histórico:

Roteiro básico de análise de um documento histórico:

- a) *Tipo de documento:*
- b) *Autor e dados básicos – profissão, onde e quando nasceu, etc.:*
- c) *Quando foi produzido/publicado o documento:*
- d) *A que época(s) ele se refere:*
- e) *Local a que se refere:*
- f) *Qual é o assunto tratado:*

Alguns comentários a respeito de cada um dos itens do roteiro:

Incentive os alunos a buscarem e registrarem informações completas:

- a) Romance. Título: Vidas Secas.



Converse com os alunos sobre esse título: o que seria uma vida seca? Que pistas o título dá sobre o conteúdo do romance?

b) Esta informação costuma ser objetiva e evidente, exceto em documentos de autoria desconhecida, o que levaria a outra discussão. Os dados pessoais, profissionais e outras informações sobre o autor do documento, necessitam de uma pesquisa adicional. Esta pesquisa faz parte do que chamamos de análise externa do documento. Sua profundidade depende dos objetivos da leitura e análise do documento.

c) Data em que o documento foi produzido com uma contextualização da época. Os alunos podem pesquisar nos livros de História e/ou na Internet. Essa pesquisa pode ser dividida entre grupos da classe. Pode-se pedir que dois grupos trabalhem o mesmo tema para apresentá-lo para os colegas. O grupo apresentador só saberá na hora, após sorteio feito pelo professor. Assim, o outro grupo passará a ter a função de acrescentar, levantar questões e colaborar com o grupo apresentador.

O professor fará uma aula-síntese no final das apresentações, que costure esses temas, os inter-relacionando.

d) Data de publicação: 1938

Temas para pesquisa:

- Transformações no Brasil e no mundo no pós-guerra 1914-1918;
- Revolução de 1930;
- Governo de Getúlio Vargas: centralização e controle da economia, política e grupos sociais;
- Nordeste – coronelismo e latifúndios;
- Cangaço;
- Capitalismo e crise econômica a partir de 1929;
- Comunismo;
- Fascismo.

e) Da mesma forma que na questão anterior, é importante explorar o contexto do assunto tratado no documento. No caso de **Vidas Secas**, a pesquisa proposta no item anterior já responde a esta questão. Mas é preciso que o professor explicita que Graciliano Ramos



retrata o nordeste preso a relações e dinâmicas que não acompanham a modernização apregoada na região centro-sul do país. Inclusive, é interessante notar como a obra de Graciliano está ligada a outros pensadores da mesma época, que iniciaram um debate inovador sobre: “afinal, o que era o Brasil e para aonde ia”. Exemplos importantes são Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Paulo Prado, Gilberto Freyre, Sergio Milliet, que tiveram grande influência sobre o pensamento brasileiro nas décadas seguintes.

Esta reflexão está estreitamente relacionada às questões e preocupações reveladas na Literatura e nas Artes Plásticas brasileiras, que estão sendo trabalhadas pelo professor de Língua Portuguesa: modernização, nacionalismo, urbanização, industrialização, atraso e progresso, o olhar para outras regiões do Brasil.

3) Temas a trabalhar a partir do romance:

- a) Uma história da posse de terra no nordeste e no Brasil;
- b) Ser cabra pobre num mundo de brancos ricos;
- c) Retirantes da seca e da terra alheia - o nomadismo como modo de vida;
- d) O sertão versus a cidade.

Professor: para os temas acima foram colocados alguns trechos do livro, exemplificando-os. Ao longo da narrativa poderão ser buscados outros exemplos, como um exercício de atenção e construção de relações.

O romance é o provocador. O interessante é sempre partir dele. O professor deve conduzir o levantamento de questões e a busca de respostas. Os alunos poderão utilizar livros didáticos e paradidáticos, a Internet e, o mais importante, fazer a interlocução entre as três disciplinas envolvidas no projeto.

- a) Inicie o trabalho mostrando cada um dos trechos, discutindo-os e depois os relacionando.

Exemplos:

Cada trecho pode ser colocado em transparência e mostrado no retroprojetor. Os alunos devem ter seus livros em mãos para entenderem o contexto no qual estes trechos aparecem.

As cores diferentes se referem a questões específicas:



Vermelho: vocabulário

Azul: aparência de Fabiano

Roxo: características de S. Tomás

Verde: características do patrão

Negrito: expressões ou coisas com significado regional especial

capítulo: Fabiano

p.19

*“Chape-chape. As **alpercatas** batiam no chão rachado. O corpo do vaqueiro **derreava-se**, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco.*

*Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A **sina** dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede. Sim senhor, hóspede que demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao **juazeiro** que os tinha abrigado uma noite.”*

capítulo: Fabiano

p.18

“— Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

*Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas **um cabra** ocupado em guardar coisas dos outros. **Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas** como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, **descobria-se**, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.”*

capítulo: Fabiano

p. 22-23

*“Certamente aquela sabedoria inspirava respeito. Quando seu Tomás da **bolandeira** passava, **amarelo, sisudo, corcunda, montado num cavalo cego, pé aqui, pé acolá**, Fabiano e outros semelhantes descobriam-se. E seu Tomás respondia tocando na beira do **chapéu de palha**, **virava-se para um lado e para outro, abrindo muito as pernas calçadas em botas pretas com remendos vermelhos.***

Em horas de maluqueira Fabiano desejava imitá-lo: dizia palavras difíceis, truncando tudo, e convencia-se de que melhorava. Tolice. Via-se perfeitamente que um sujeito como ele não tinha nascido para falar certo.



Seu Tomás da bolandeira *falava bem, estragava os olhos em cima de jornais e livros, mas não sabia mandar: pedia. Esquisitice um homem remediado ser cortês. Até o povo censurava aquelas maneiras. Mas todos obedeciam a ele. Ah! Quem disse que não obedeciam?*

Os outros brancos eram diferentes. O *patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida?"*

capítulo: Festa

p.76

"Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirar-lhe qualquer coisa. Os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. O patrão realizava com pena e tinta cálculos incompreensíveis. Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano, com os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do branco, certo de que fora enganado. Todos lhe davam prejuízo. Os caixeiros, os comerciantes e o proprietário tiravam-lhe o couro, e os que não tinham negócio com ele riam vendo-o passar nas ruas, tropeçando. Por isso Fabiano se desviava daqueles viventes. Sabia que a roupa nova cortada e cosida por sinha Terta, o colarinho, a gravata, as botinas e o chapéu de baeta o tornavam ridículo, mas não queria pensar nisto.

— Preguiçosos, ladrões, faladores, mofinos.

Estava convencido de que todos os habitantes da cidade eram ruins."

Os alunos devem construir uma imagem de Fabiano. A partir dessa ideia, explorar e discutir porque ele é assim, o que o fez assim.

O que significa ser **um cabra**? Os alunos já ouviram essa expressão em outra situação? "Cabra da peste", "cabra macho, sim sinhô!", etc., o que significam? Na descrição do Fabiano, ser cabra é positivo ou negativo? Por quê? Ao analisar os trechos, os alunos identificarão uma hierarquia social complexa que combina alguns critérios: ter terra/não ter terra, ser patrão/vaqueiro/retirante, ser branco/cabra, o intermediário (S. Tomas, quem ele representa?), ser sertanejo/cidadino...



Por que ter terra é tão importante? O que é preciso para se ter terra? Sempre foi assim no Brasil? Como era na época em que os portugueses se apossaram das terras?

A partir dessas questões iniciais, os alunos descobrem uma história, conduzidos pelo professor:

As terras coletivas das comunidades indígenas;

A cessão de terras pela coroa portuguesa em troca de benefícios: capitanias hereditárias e sesmarias;

As relações capitalistas estabelecidas ao longo da monarquia brasileira: a terra torna-se capital, a lei de terras de 1850, os colonos europeus;

A produção agrícola: os latifúndios monocultores para exportação ocupam as melhores terras;

A criação de gado no sertão nordestino.

4) Entrevistando um migrante nordestino: a experiência e o olhar em relação ao que deixou para trás e o que trouxe para a nova vida.

A experiência da entrevista como parte de um trabalho escolar é de uma enorme riqueza para o desenvolvimento de várias habilidades, atitudes e valores dos alunos. Os depoimentos são documentos importantes que permitem contrapor outras fontes na construção da História. Para os alunos é um exercício de escuta ativa, de percepção e respeito ao outro, lembrando-lhes que a História é vivida por pessoas.

Nesse projeto, a entrevista tem por objetivo colher depoimentos de migrantes dos diferentes estados que compõem o Nordeste que se espalharam por todo o Brasil em busca de trabalho e melhores condições de vida. Até que ponto e como esses migrantes viveram o drama da seca, da falta de recursos, da pobreza? É importante que os alunos desenvolvam a habilidade de perceber não só o que os entrevistados contam, mas como contam. A proposta é que os alunos possam trocar suas experiências como entrevistadores e, comparando as histórias, identifiquem as situações que se repetem e aquelas que são especiais.

Há alguns cuidados a serem tomados nas entrevistas. Os alunos devem ter a oportunidade de ler o roteiro de questões e as recomendações dadas pelo professor, discutir e até ensaiar situações de entrevista, antes da ida a campo.

Algumas dicas:

Trabalhar em dupla ou, no máximo, em trio;

Saber e entender o roteiro de antemão;

Levar prancha, caneta, roteiro e folhas para anotar respostas;



Antes de entrevista formal:

Apresentar-se com nomes e escola de onde são;

Qual o trabalho que estão fazendo;

Pedir a colaboração do possível entrevistado;

Iniciar a conversar de maneira informal, sem anotar. Este é um momento em que muitas vezes podemos tirar valiosas informações, começando a perceber como o entrevistado se sente em relação à sua história – se é calado, ou não se valoriza (pois não tem “sucessos” e “não se deu bem na vida”...) ou à vontade, expansivo e etc.

Pedir permissão formal para a entrevista e perguntar se poderá ser gravada. **Caso o entrevistado não queira, não insistir e não esconder!**

Roteiro básico:

- a. Nome (se não quiser, não precisa colocar sobrenome...).
 - b. Onde nasceu?
 - c. Quando nasceu e que idade tem (muitas vezes não coincidem! Não insista se ele se confundir)?
 - d. Como era a vida nesse lugar: era campo, cidade; o que ele lembra, do que gostava, do que não gostava?
 - e. Com quem morava? Perguntar sobre a família.
 - f. Como era um dia comum, o que ele (a) fazia? Ia à escola? Trabalhava?
 - g. Quando saiu do lugar em que nasceu, quais os lugares onde morou?
 - h. Há quanto tempo está no lugar atual?
 - i. Por que saiu de cada lugar?
 - j. Como saiu?
 - k. Tem família hoje?
 - l. O que faz?
 - m. Tem saudades?
 - n. Quer voltar?
 - o. E a vida atual, como é?
- Etc.

É interessante que os alunos participem, discutam o roteiro e acrescentem ou mudem questões que acharem pertinentes.



Enquanto um aluno se preocupa em anotar informações, observações sobre as características do entrevistado (vestimenta, gestos, físico, forma de falar...), o outro conduz a entrevista.

Professor: ressalte o respeito e a gentileza para com o entrevistado, seja quem for. Os alunos não devem usar qualquer adjetivo que induza às respostas, mas tem que ter sensibilidade para descobrir um assunto que pode dar boas informações e que o entrevistado goste de falar.

E lembre-se, não querer falar sobre o assunto, os silêncios, a falta de informação, também são dados a serem analisados.

Peça para que os grupos façam um relatório, passem a limpo as anotações, procurando seguir o roteiro, acrescentem dados, impressões, o que foi mais interessante, o que foi mais difícil e etc.

A troca das experiências e o confronto das informações permitirão que os alunos ampliem suas visões sobre essa abrangente população que se espalhou pelo Brasil ao longo da nossa história, e reflitam, juntamente com os conhecimentos adquiridos através das atividades de Literatura e de Geografia, sobre o Nordeste, sua origem, história e população.

GEOGRAFIA

O desenvolvimento da atividade se dará nas aulas seguintes à apresentação do filme, na aula de Língua Portuguesa:

1. Discutir as impressões dos alunos sobre o espaço geográfico.
2. Reconhecer as representações dos alunos sobre o espaço físico do sertão nordestino.
3. Estudo do êxodo rural – processo migratório: razões e consequências. Utilização de mapas e textos.
4. Estudo do bioma Caatinga.
5. Análise das possibilidades de diminuição e controle do êxodo rural por meio de atividades sócio-econômicas que favoreçam o crescimento do homem em seu meio.
6. Retomar as representações sobre o sertão nordestino após o estudo e associar ao estudo de obras de Aldemir Martins. Estudar suas características, os sentimentos que a obra desperta em cada um, associando a trechos selecionados do livro “Vidas Secas” que

ilustrem a paisagem do bioma Caatinga, suas características e os sentimentos do povo sertanejo:

"[...] A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul, as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre."

"[...] E Fabiano depôs no chão parte da carga, olhou o céu, as mãos em pala na testa. Arrastara-se até ali na incerteza de que aquilo fosse realmente mudança. Retardara-se e repreendera os meninos, que se adiantavam, aconselhara-os a poupar forças. A verdade é que não queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se. Tinham deixado os caminhos, cheios de espinho e seixos, fazia horas que pisavam a margem do rio, a lama seca e rachada que escaldava os pés. [...]"

"O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo. Vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul. O casal agoniado sonhava desgraças. O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado. [...]"

"Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos da catinga rala."

7. Favorecer a criação da releitura particular das obras de Aldemir Martins estudadas.



8. *Apresentação do trabalho de criação dos alunos para a escola, desenvolvido no projeto por meio de exposição, trazendo as características do sertão nordestino apresentadas na obra de Graciliano Ramos, de Aldemir Martins, suas releituras e as possibilidades de sobrevivência digna e economicamente viável para a região.*

❖ ETAPA INTERDISCIPLINAR

O Nordeste como problema em quatro tempos, olhares e linguagens:

Graciliano Ramos, Portinari, Aldemir Martins e Henfil

As atividades descritas acima pelas três disciplinas, desenvolvidas paralelamente, encaminharão os alunos para um olhar mais amplo e crítico sobre o tema.

A proposta interdisciplinar já foi construída durante o processo de trabalho conjunto de professores e alunos. A socialização - fundamental para a internalização e avaliação do conhecimento construído pelos alunos, culmina com a produção, montagem e apresentação de uma exposição na escola do trabalho de criação dos alunos, desenvolvido no projeto que considere:

1. As características do sertão nordestino apresentadas na obra de Graciliano Ramos;
2. Suas releituras plásticas, a partir dos três artistas trabalhados;
3. As possibilidades de sobrevivência digna e economicamente viável para a região.

❖ RESUMO DA ATIVIDADE

1. A partir da apresentação do filme, conhecer aspectos e características da literatura de Graciliano Ramos, comparada com outros autores.
2. Estudar, particularmente, a obra "Vidas Secas".
3. Conhecer aspectos históricos e geográficos do nordeste.



4. Com base neste estudo, produzir releitura das discussões e aprendizagens, a partir do estudo de obras de outros artistas.

❖ COMO VOCÊS AVALIARIAM ESSE TRABALHO?

A atividade deverá ser avaliada a partir das releituras feitas e apresentadas pelos alunos, nas quais eles irão contextualizar os principais aspectos e conceitos trabalhados dentro da atividade.

Cada professor poderá fazer avaliações parciais e processuais ao longo do trabalho, somando-as (com pesos diferentes, caso considere adequado) ao resultado final. É importante que haja uma nota final, média das atividades feitas pelas três disciplinas e uma nota conjunta dos três professores pelo produto final, apresentação dos alunos.

Por exemplo:

História:

Fichamentos parciais das pesquisas e leituras de História.

Apresentação do tema para a classe, em grupo.

Preenchimento do roteiro de análise de documento histórico.

Prova de múltipla escolha para verificação dos conteúdos trabalhados.

A média tirada das quatro avaliações será somada com as de Língua Portuguesa e Geografia e o aluno terá uma nota - média dessas três notas - que valerá para as três disciplinas.

A avaliação do produto e a apresentação final serão feitas pelos três professores em conjunto, gerando uma nota que também valerá para as três disciplinas.

❖ EM QUAL ANO OU ANOS DO ENSINO MÉDIO SERIA MELHOR APLICAR ESSE TRABALHO?

Esse trabalho pode ser desenvolvido em qualquer uma das séries do Ensino Médio. As possíveis adequações estão relacionadas aos conhecimentos prévios dos alunos em relação aos conteúdos trabalhados.

A interdisciplinaridade permite que os alunos deem outro significado a conteúdos já estudados, aprofundando e ampliando a compreensão da realidade.

Para os alunos que não têm domínio dos conteúdos e conceitos que serão trabalhados, é uma oportunidade de construir o conhecimento de maneira integrada, não fragmentada em disciplinas.



Em relação à História, por exemplo, a proposta permite descrever um período da História brasileira – o governo Getúlio Vargas – e aprofundar o olhar para o passado, ao problematizar e buscar respostas para o Nordeste e a questão da terra na História do Brasil.

❖ PALAVRAS-CHAVE

Língua Portuguesa:

- Romance regionalista
- Neorrealismo
- Literatura engajada
- Tipos de discurso
- Monólogo interior ou fluxo de consciência

História:

- Documento histórico
- Monocultura
- Latifúndio
- Migração nordestina
- Coronelismo

Geografia

- Êxodo rural
- Monocultura
- Caatinga
- Espaço Geográfico

❖ SUGESTÕES DE LEITURAS

Língua Portuguesa



- Ramos, Graciliano. **Vidas Secas**. 113ª ed. Rio, Globo. 2010.
- Queiroz, Rachel. **O Quinze**. 20ª Ed. Rio, José Olympio. 1976.
- Bosi, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 32ª ed. São Paulo, Cultrix. 1994.
- Viana, Vivina de Assis. **Graciliano Ramos**. São Paulo, Nova Cultural. 1990.
- Portinari, Cândido. **Do Surrealismo ao Expressionismo**. São Paulo, Abril Cultural, s/d. Coleção Gênios da Pintura, Vol. 8, 6º pintor, pranchas 6, 7 e 8.
- aprovadonovestibular.com/vidas-secas-livro-para-download.htm – Esse site permite o download do romance, caso o aluno encontre alguma dificuldade em obter o livro.
- www.portrasdasletras.com.br – Este site tem um estudo superficial, mas que pode servir de partida, por propiciar uma visão geral do assunto. Traz um breve comentário sobre a literatura da época, uma biografia essencial, a lista de obras de Graciliano Ramos, alguns comentários básicos sobre **Vidas Secas** e um resuminho da obra.
- www.mundovestibular.com.br/.../VIDAS SECAS - Graciliano Ramos/. - Este site tem um bom resumo da obra.
- www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/análises_completas – Este site não traz a análise completa da obra, como indica seu nome, mas mostra uma análise bastante boa, salientando pontos centrais. Há um link para a transcrição de uma entrevista com o Prof. Roberto Sarmiento Lima, entrevista que aponta para uma análise mais profunda. Fala também da adaptação do livro para o cinema e do problema da transposição de um texto para outra linguagem.

Vídeos:

- www.youtube.com - Vidas Secas – Graciliano Ramos. Em 31/5/2009 o Prof. Fernando Marcílio, de um cursinho pré-vestibular, comenta o livro. Não há novidade, mas, para quem não tem o documentário à mão, serve como revisão de pontos que são ali tratados.

História



- Chalhoub, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- Berman, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- Sevcenko, Nicolau. **Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- Hollanda, Sergio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras,
- Fausto, Boris. **História do Brasil**. São Paulo. Edusp.

Geografia

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Formas do relevo**: trabalhos práticos. São Paulo : Edart, 1975. (Projeto brasileiro para o ensino de Geografia) .
- ALMEIDA, Rosângela, PASSINI, Elza Y. **O espaço geográfico**: ensino e representação. São Paulo: Contexto, 1991.
- BROUILLETTE, B. et al. **Manual da Unesco para o ensino da Geografia**. Lisboa: Estampa, 1978.
- CASTRO, Mirna de. **Espaço e ação**: História e Geografia. v. 4. São Paulo : Atica, 1999.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos, CALLAI, Helena C., KAERCHER, Nestor A. **Ensino de Geografia**: prática e textualizações no cotidiano. Porto Alegre : Mediação, 2000.172 p.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1998.
- LIGIAN, Levon; Boligian, Andressa Turcatel Alves. **Geografia: Espaço e Vivência: volume único: ensino médio**. São Paulo: Atual, 2007.
- SANTOS, M. *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo: Hucitec, 1980.
- SANTOS, M. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 2º Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SOUZA, M. J. L. de. O território; sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. CASTRO, I. E. de; GOMES, P.C. da C. e CORRÊA. R. L. (Orgs). *Geografia Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

Sala de

Professor

SUGESTÃO DE ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR